



HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO: DISSONÂNCIAS, RESSIGNIFICAÇÕES E DESAFIOS ÉTICOS NO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

Acadêmica: Alice Vitória Arruda Botelho de Lannes
Curso de Psicologia 9º semestre - alicelannes@icloud.com

Acadêmica: Gabrielle Lavoyer Boabaid
Curso de Psicologia 9º semestre - lavoyergaby@gmail.com

Acadêmico: Luiz Augusto Andrade da Cunha
Curso de Psicologia 9º semestre – laacunha81@gmail.com

Professora: Ma. Juliana B. Fitaroni
Supervisora do Estágio Específico I: Política de Saúde – ACP –
juliana.fitaroni@univag.edu.br

Supervisora de Campo Estágio: Aline Mercedes Fonseca Ramminger
Coordenadora clínica de Psicologia - UNIVAG

A relação entre homossexualidade e religião é um tema polêmico que envolve questões históricas, culturais e sociais. A homofobia, caracterizada pela discriminação ou preconceito contra pessoas LGBTQIAPN+, muitas vezes está relacionada a princípios religiosos conservadores em relação à sexualidade. No entanto, nem todas as expressões religiosas adotam práticas discriminatórias, havendo interpretações mais inclusivas da fé. Este estudo explora as discussões entre homofobia e religião, examinando as principais visões religiosas, seus impactos sociais e a luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAPN+. Durante o estágio na clínica integrada do UNIVAG, surgiram temáticas relevantes que proporcionaram reflexões sobre o tema. Mesquita (2016) aponta que a história da homofobia em contextos religiosos está ligada à interpretação de textos sagrados que condenam práticas homossexuais. No cristianismo, passagens como Levítico e Romanos são frequentemente utilizadas por grupos religiosos conservadores para justificar atitudes contrárias à homossexualidade. No entanto, interpretações restritivas nem sempre predominaram; o início do cristianismo carecia de uma abordagem sistemática contra a homossexualidade, sendo essa postura uma característica de períodos históricos específicos, como a Idade Média. Em outras religiões, como o hinduísmo e o budismo, há uma diversidade de perspectivas. Em alguns contextos culturais, figuras que transcendem normas de gênero são aceitas ou veneradas, enquanto outras tradições locais são mais restritivas. Tais variações indicam que a relação entre religião e sexualidade é complexa e depende de interpretações locais. Entre jovens homossexuais praticantes de diferentes religiões, a dissonância entre doutrinas restritivas e experiências pessoais é clara. O estudo de Ribeiro e Scorsolini-Comin (ano), intitulado "Relações entre Religiosidade e Homossexualidade em Jovens Adultos Religiosos", revela essa dissonância e suas implicações. Entrevistas com jovens praticantes das religiões católica, evangélica e espírita mostram que, apesar das doutrinas frequentemente condenarem a homossexualidade como imoral, esses jovens desenvolvem estratégias para ressignificar suas crenças. Utilizando valores espirituais como o amor incondicional de Deus, encontram um espaço para a autoaceitação. Embora enfrentem discriminações nas suas comunidades religiosas, muitos jovens conseguem ser parcialmente acolhidos, mesmo que com restrições a certas atividades. Em relação às famílias, a aceitação varia consideravelmente, mas relatos indicam que a resistência inicial, motivada por crenças religiosas, tende a diminuir ao longo do tempo. Conforme Duarte (2005), a religiosidade pode tanto promover aceitação quanto perpetuar rejeição, revelando-se um fator dinâmico e adaptável. Ainda que a aceitação institucional da homossexualidade seja, em muitos casos, limitada, o apoio oferecido pela comunidade religiosa desempenha um papel crucial no fortalecimento da resiliência desses jovens. Pequenas mudanças nas práticas locais podem estimular transformações institucionais e culturais mais amplas. Dessa forma, a relação entre homossexualidade e religiosidade é marcada por negociações individuais



entre valores pessoais e ensinamentos religiosos, o que pode impulsionar transformações nas instituições religiosas rumo à aceitação da diversidade sexual.

Em atendimentos psicológicos, a ética deve prevalecer. O psicólogo deve adotar uma postura profissional, pautada no código de ética, visando sempre o bem-estar do paciente e criando um espaço seguro e acolhedor. A exposição de informações pessoais deve ser evitada, para manter a neutralidade e o vínculo terapêutico, garantindo que preconceitos não interfiram no processo. Escuta ativa e empatia são essenciais para conduzir o atendimento sem julgamentos, promovendo um ambiente que favoreça a reflexão e o autoconhecimento do paciente.

Palavras-chave: Identidades sexuais. Psicoterapia. Valores religiosos. LGBTQIAPN+.